

Projetos migratórios de imigrantes brasileiros na França*

Gisele Maria Ribeiro de Almeida**

Resumo

O artigo apresenta uma análise sobre o recente fluxo migratório de brasileiros para a França, baseada em uma leitura do fenômeno que incorpora o peso dos estrangimentos macroestruturais na formação de condições que promovem a emigração do Brasil e a imigração na França e, ao mesmo tempo, reconhece o papel da agência dos migrantes nos deslocamentos. Nesse sentido, procurou-se articular as perspectivas micro e macroestrutural que atuam sobre os deslocamentos migratórios por meio da análise dos projetos que levaram brasileiros para a França e que os trouxeram de volta ao Brasil. O texto discute como os perfis de migrantes e os recursos relacionais, mobilizados pelos indivíduos através de suas redes de pertencimento, interferem tanto na elaboração de seus projetos migratórios, através da seleção do destino, como em suas realizações, através da inserção do imigrante na sociedade de acolhimento. A partir de um *corpus* de 102 entrevistas semiestruturadas, foram selecionadas seis trajetórias migratórias para serem analisadas aqui. A escolha desses seis casos foi intencional, tendo em vista o propósito de apresentar uma diversidade mínima dos perfis, dos projetos e das situações encontradas pela pesquisa mais ampla. Os projetos analisados representam: a) a migração laboral “clássica” em uma região marcada por alta presença de emigração do Brasil; b) a migração que caracteriza a mobilidade chamada de “fuga de cérebros”; c) a circulação de profissionais qualificados; d) a situação de casamento como estratégia migratória; e) a migração baseada no “eldorado”; f) a migração de retorno.

Palavras-chave: Migração internacional, Emigrantes-Brasil, Determinantes da Migração

* Trabalho apresentado no VI Congresso da Associação Latinoamericana de População realizado em Lima, Peru, de 12 a 15 de agosto de 2014.

** Universidade Federal Fluminense – Polo Universitário de Campos dos Goytacazes. Email: gimralmeida@gmail.com

Projetos migratórios de imigrantes brasileiros na França¹

Introdução

As migrações internacionais contemporâneas estão demandando um olhar mais atento dos pesquisadores, em função dos desafios teóricos e conceituais que os fenômenos empíricos têm levantado (Almeida e Baeninger, 2013). No bojo deste debate, uma das questões que ganharam destaque refere-se à denúncia da fraqueza teórica de abordagens que trabalham com uma polaridade no nível de análise – ressaltando os fatores macroeconômicos para explicar os deslocamentos migratórios ou enfatizando o papel de agência dos indivíduos (Bakewell, 2010; Castles, 2010; Faist, 2010; Massey et al, 1998).

Conforme aponta Ma Mung (2009), a perspectiva da autonomia para explicar as migrações é uma alternativa para escapar desta criticada dualidade analítica. A proposta deste autor é investigar então a forma através da qual o “interior” (entendido como as disposições individuais) organiza para si a exterioridade material e social (os fatores macroestruturais). Nesta perspectiva, o projeto migratório deve ser visto como um procedimento estratégico, ligado à realidade prática e ao contexto que cerca o potencial migrante. Importante ressaltar que este “projeto” não é algo estático, ao contrário, só faz sentido usar a noção de projeto migratório na perspectiva proposta a partir do seu caráter dinâmico: um planejamento que se atualiza e se reatualiza nas diferentes etapas do deslocamento. Este aspecto do projeto migratório foi bastante enfatizado por Boyer (2005) que destacou a influência das informações, intercâmbios e experiências do migrante ao longo de sua trajetória para a atualização constante de suas projeções para seu futuro migratório. Seguindo esta perspectiva,

¹ Este artigo é uma reformulação do segundo capítulo da minha tese de doutorado (Almeida, 2013) e a pesquisa que o viabilizou contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O estudo integrou o projeto temático “Observatório das Migrações em São Paulo” coordenado pela Profa. Dra. Rosana Baeninger que também foi financiado pela Fapesp.

este artigo aborda a recente imigração brasileira na França considerando a concepção e a realização do projeto migratório como um *locus* privilegiado de análise.

O artigo está estruturado em três partes. Primeiro, uma apresentação do debate sobre o tema, que tem insistido sobre os limites das teorias (exclusivamente macro ou micro) elaboradas para explicar a migração internacional contemporânea. Em seguida, discute-se como a análise do projeto migratório viabiliza um reconhecimento do papel da agência individual e ao mesmo tempo em que considera os constrangimentos e as oportunidades que se desprendem das macroestruturas. Na terceira e última parte do texto, serão analisados seis projetos migratórios, apreendidos a partir de entrevistadas semiestruturadas realizadas com imigrantes brasileiros na França.

Migrações internacionais contemporâneas: desafios teóricos

Um dos aspectos que tem sido debatido pelos pesquisadores interessados pelas migrações internacionais contemporâneas refere-se ao problema da unilateralidade da análise no âmbito dos estudos migratórios, nesse debate nota-se um interesse crescente na consideração dos condicionantes macroestruturais que impelem a migração como, por exemplo, os níveis de desigualdades econômicas e sociais entre os países e ao mesmo tempo no reconhecimento da agência do migrante e de suas motivações (Bakewell, 2010; Castles, 2010; Faist, 2010; Massey et al., 1998). A avaliação que se encontra em Massey et al. (1998) resume bem esta problemática quando ressaltam a impossibilidade de uma leitura exclusivamente “macro” ou “micro”, reconhecendo que os “processos causais relevantes para a migração internacional

tendem a ocorrer simultaneamente em vários níveis, e que a triagem de quais explicações são úteis é uma tarefa empírica e não apenas lógica (Massey et al., 1998: 50, tradução nossa)².

Em grande medida essa busca por um nível de análise menos polarizado é motivada pelo entendimento de que a maior parte das migrações resulta de múltiplos efeitos, com diferentes níveis de agência individual, de um lado, e de oportunidades e constrangimentos macroestruturais, de outro, dependendo do caso.

Uma vez que a imigração brasileira na França, alvo desta reflexão, é vista como voluntária e ao mesmo tempo é parte integrante da dinâmica social, essa questão passa pela consideração dos interesses do agente migrante, sem perder de vista as coações e disposições associadas ao seu posicionamento no espaço social (Bourdieu, 2004); em outras palavras, investigar não apenas os constrangimentos e oportunidades que operam sobre o migrante, mas as os interesses e as estratégias que o levam a se deslocar.

De acordo com King (2012), os modelos conhecidos como “*push and pull*”, assim chamados pelos efeitos de atração e repulsão, baseados na economia neoclássica - que operam com os princípios da escolha racional, da maximização da utilidade esperada e do diferencial de salários entre as regiões e os países - dominaram as explicações sobre o fenômeno migratório particularmente na metade no século XX.

Massey et al. (1998) apontam que a economia neoclássica forneceu dois tipos de perspectivas que definem como “macro-teoria” e “micro-teoria”. A “macro-teoria” entende que as migrações internacionais são causadas por diferenças entre oferta e demanda da força de trabalho que leva a uma mobilidade da força de trabalho, resultado em fluxos de migração.

² No original: “causal processes relevant to international migration might operate on multiple levels simultaneously, and that sorting out which of the explanations are useful is an empirical and not only a logical task” (Massey et al., 1998: 50).

Por outro lado, a “micro-teoria” segue esse mesmo pressuposto de “atração” (mais emprego e/ou salário maior) e “repulsão” (menos emprego e/ou salário menor), com a diferença de que neste caso o migrante é visto como um agente racional que busca maximizar seus ganhos.

Estes modelos baseados em critérios racionais, dados os níveis de salários e expectativas de ganhos por parte dos indivíduos, mostraram-se insustentáveis para explicar os fluxos após 1980, em função dos maiores níveis de desemprego nos países de destino e das maiores restrições à imigração (Massey et al., 1998). Os *migrantólogos* (Castles e Miller, 2004; Massey et al., 1998; Portes, 1999) argumentam que desde então os aspectos econômicos não são mais suficientemente satisfatórios para explicar as migrações, inclusive porque via de regra não são os mais pobres que migram, muito menos para um outro país.

Os estudos realizados e os fluxos observados a partir dos anos 1960, de acordo com Boyd (1989) foram legitimando as críticas endereçadas aos modelos baseados na atração-repulsão³, minando o poder explicativo destas abordagens e consolidando a crise do “push-pull” (Massey et al., 1998). Desta forma, os desequilíbrios no interior da nação e as disparidades entre os países não justificariam isoladamente as migrações.

No sentido de superar estas teorias, estudos partiram de um novo olhar sobre o processo de tomada de decisão em relação à migração, uma perspectiva que reconhece o migrante ou potencial migrante como um agente ativo, e não apenas um indivíduo racional que toma a decisão com base numa avaliação sobre custo *versus* benefício. Nesta perspectiva, Massey et al. (1998) argumentam como aumentou o interesse por informações que pudessem melhor definir as especificidades econômicas e sociais associadas às migrações. Importante ressaltar que essa valorização do agente não significa a desconsideração dos aspectos suscitados pelos

³ O artigo de Boyd (1989) do final dos anos 1980 já apontava o “esgotamento” do modelo teórico baseado na atração-repulsão.

níveis macroestruturais. Os *migrantólogos* começaram a combinar então estrutura socioeconômica, estratégias familiares e processo decisório-individual, perspectivas teóricas preocupadas em pensar os indivíduos e as circunstâncias que as afetam de forma combinada.

O projeto migratório

Conforme aponta Ma Mung (2009), a perspectiva da autonomia para explicar as migrações é um caminho para sair do debate teórico que aposta na leitura polarizada da migração como processo determinado, ora resultado de fatores macroeconômicos, ora explicado pelas dimensões individuais. A proposta deste autor é investigar então a forma através da qual o “interior” (entendido como as disposições individuais) organiza para si a exterioridade material e social (os fatores macroestruturais). Ma Mung enfatiza que o projeto migratório assume a expressão da capacidade individual de iniciativa e de realização, isto é, uma evidência de suas capacidades de “saber-fazer” e “poder-fazer”. No primeiro caso, um “saber-fazer”, pois os indivíduos e os coletivos reformulam os contextos em que vivem de alguma maneira; e depois um “poder-fazer” em função de um pressuposto de iniciativa, de uma capacidade de agir sobre estes contextos.

O projeto migratório deve ser encarado, nesta abordagem, como um procedimento estratégico, ligado à realidade prática e ao contexto que o cerca. É uma construção intencional, uma projeção sobre o futuro, cujo conteúdo está em “constante redefinição em função da história, dos percursos e das experiências migratórias” (MA MUNG, 2009: 33, tradução nossa)⁴. O uso da noção de projeto migratório é revelador da capacidade de “poder-fazer” dos migrantes e sinaliza para uma perspectiva que privilegia o indivíduo migrante, como alguém com intenções e com capacidade de ação.

⁴ No original: “en redéfinition constante en fonction de l’histoire, des parcours et de l’expérience migratoire” (Ma Mung, 2009 : 33).

Constrangimentos e oportunidades tendem a ser, em diferentes níveis, inerentes aos potenciais migrantes. Entender porque alguém migra de um local para outro e como isso é possível, demanda do ponto de vista sociológico o reconhecimento de um nível de agência – entendida como a capacidade de ação dos indivíduos dentro de um campo de forças sociais. Desta forma, se parto do pressuposto que os brasileiros que foram para a França agiram com algum nível de autonomia e defino esta migração como “voluntária”, uma explicação sociológica do fluxo demanda a incorporação da agência destes migrantes na análise, ainda que o grau de liberdade para a tomada da decisão de emigrar do Brasil e imigrar na França não seja nunca total; pois não se ignora o peso das estruturas econômicas e políticas que estão além das competências individuais, e que são fundamentais para a viabilização do projeto.

Neste sentido, a relação entre as “estruturas objetivas”, que existem “independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações” (Bourdieu, 2004, p. 149), e a “gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos (...) de *habitus*” (Bourdieu, 2004: 149, grifo do autor) é reintroduzida aqui e incorporada através da problemática em torno da concepção e realização do projeto migratório. Importante ressaltar que este “projeto” não é algo estático, ao contrário, só faz sentido usar a noção de projeto migratório no âmbito desta argumentação se o entendemos em seu caráter dinâmico, como um planejamento que se atualiza e se reatualiza nas diferentes etapas do deslocamento⁵.

Bouly de Lesdain (1999) constatou através de uma pesquisa empírica sobre fluxo de camaronenses para a França que o exame do projeto migratório elaborado antes da partida oferece uma visão estática dos perfis e das motivações dos migrantes. A autora mostrou que mulheres que foram acompanhando seus maridos, muitas vezes aproveitam a oportunidade

⁵ A apresentação de algumas trajetórias selecionadas para efeitos de ilustração na parte final do artigo revela esse aspecto da migração como um processo em movimento.

para estudar e assim acabam prolongando sua estada na França para além daquela do seu esposo. Assim como encontrou estudantes que não tinham no momento da emigração motivações ligadas aos estudos, mas uma vez na França, seguem seus estudos, impactando seus planejamentos quanto ao futuro.

Este caráter do projeto migratório foi bastante enfatizado por Boyer (2005) que destacou a influência das informações, intercâmbios e experiências do migrante ao longo de sua trajetória para a atualização constante de suas projeções para seu futuro migratório. Esta autora reconhece que o projeto é resultado de uma negociação permanente que advêm de diferentes escalas (da conjuntura econômica ao grupo social, da rede migratória aos parentes que ficaram na origem), mas também aponta para a dimensão subjetiva, pois numa perspectiva individual o projeto resulta de uma construção do agente sobre um “porvir migratório”, através de suas representações e de suas leituras sobre a realidade, no local de origem e no destino. Ma Mung (2009) também faz referência a isso quando aborda o papel da “criação migratória” no processo que engendra a própria formulação do projeto. Importante dizer que essa dimensão criativa tem para Ma Mung um efeito ativo e retroativo sobre o projeto migratório. Nos projetos migratórios analisados nesse artigo é possível verificar como essa “criação migratória” se manifestou em função de aspectos distintos:

- Bernardo é um caso em que a “criação migratória” foi facilitada pelo capital social disponível em função de sua proximidade junto às redes que fomentam a emigração e, no seu caso, o projeto migratório é uma alternativa “evidente” quando ele perde o emprego;
- Leonardo tinha o desejo de sair do Brasil desde adolescente e avalia sua emigração como uma “fuga”, a possibilidade de escapar de um lugar no qual ele sempre se sentiu “estranho”. O “porvir migratório” prometia a ele a oportunidade de “se encontrar”;

- Lígia via no relacionamento com um “estrangeiro” a possibilidade de realizar tudo aquilo que sonhava: ter uma casa, ter uma família, ter uma vida que correspondesse aos seus anseios.
- Marcílio aponta para a sua criação migratória quando narra sua trajetória dizendo ter contraído o “bichinho da viagem” na primeira vez que saiu do Brasil. Desde então, não conseguiu mais ficar satisfeito com sua vida no Brasil, uma trajetória recheada de chegadas e partidas desde 2000 com estadas no Canadá, na Inglaterra, na Itália e na França;
- Nara tinha 18 anos, vivia numa cidade pequena, nunca tinha viajado para muito longe, muito menos sem os pais. Sempre “sonhou” estudar fora e o projeto migratório desabrochou: decidiu ir para Londres com base em uma construção bastante idealizada;
- Mário nasceu, em 1964, no interior de Minas Gerais. Estudou no Rio de Janeiro e começou a alimentar o desejo de estudar na França. Foi em 1991, o primeiro destino foi Marselha. Depois foi para Paris. Em 2012, depois de estar na França há mais de 20 anos, havia obtido a cidadania francesa, aproveitou uma oportunidade para desligar-se de seu trabalho e retornou ao Brasil.

O projeto migratório de Bernardo

Bernardo⁶ nasceu em 1982 no interior de Minas Gerais, uma pequena cidade na região de Governador Valadares, conhecida pelo grande número de emigrantes internacionais. Ele tem o primeiro grau completo e trabalhava desde 2000 numa empresa exportadora de café, quando em 2007 foi mandado embora. Chegou a ser procurado por outra empresa exportadora, mas avaliou que “não valia a pena”.

⁶ Entrevista realizada em 22/09/2012 no norte de Paris, França.

Na entrevista que me concedeu, a fala de Bernardo indica que um constrangimento estrutural (a demissão seguida pela oferta de emprego com pior remuneração) o levou a um “cálculo” (de seu salário diário no Brasil convertido em euro), manifestando uma racionalidade econômica que incorpora a expectativa de ganho no exterior. No caso de Bernardo, o próprio “cálculo” é um indicativo de um aspecto que envolve uma seletividade, porque não se trata de um “raciocínio” que “qualquer brasileiro” faria mesmo se considerarmos o efeito retroativo da elaboração de sua própria experiência, é evidente que a emigração é uma alternativa não apenas concreta, como comum e legítima no contexto no qual Bernardo estava inserido. De acordo com seu depoimento, Bernardo tinha uma irmã e alguns primos que moravam na época nos Estados Unidos e também tinha alguns primos em Portugal. Ter esses vínculos e saber destas experiências são aspectos importantes para entendermos porque Bernardo faz o “cálculo” do seu possível salário em euro e neste contexto alimenta uma “criação migratória” articulada com espaços relativamente longínquos, evidenciando que “os mapas mentais dos que pensam em emigrar são diferentes dos mapas geográficos. Locais em outro continente, mas parentes e empregos, podem ser emocional e materialmente próximos” (TRUZZI, 2008, p. 207). No planejamento inicial, sua ideia era ir para os Estados Unidos, mas pretendia ir com um amigo que havia tentado ir via México e acabara preso durante 70 dias. Decidiu então a ir para Portugal. Bernardo foi até Governador Valadares para tirar o passaporte, pois ele nunca tinha saído do país ainda. Lá ele conheceu um “coiote” que sugeriu a ele ir para a França:

[...] Conheci um rapaz. Conheci um rapaz, ele... Coiote. [...] Ói só, coiote pra França. [Pausa] Conhecemo... Conheci um rapaz, ele falou: “Não sô, vai pra França! Eu tenho dois irmãos lá, tenho amigos. Eu mando alguém lá buscar no aeroporto, eles vão te levar pra casa de brasileiros e eles vão te arrumar trabalho.” [Pausa] Conversei com esse amigo meu. Nós... “E aí? Vamo encarar essa?” Eu nem pensei na possibilidade... Eu nem pensei assim “Nó, eu não falo nada em Francês... Eu não conheço ninguém.” Eu não pensei nada disso. Em Portugal é fácil, né? Português... Né? [...] Mas eu pensei: “Ah! Vomo... [sic] pela adrenalina, vamo bora!” E a gente veio pra cá. E esse cara cobrou, né – “Não! Mas pra mim te dar [sic] essas informações, mandar alguém te buscar no

aeroporto, tem que me dar dois mil reais.”[Bernardo em entrevista realizada em 22/09/2012]

Um “coiote” para a França é sem dúvida inesperado, e Bernardo me contou isso com certo “orgulho” de me trazer essa novidade. O fato remete a um artigo de Machado e Reis (2007) no qual mostram como a imigração de valadarenses para Portugal é recente, mas que houve um “aproveitamento” da estrutura associada máfia de emigração ilegal para os Estados Unidos que serviu para uma reorientação dos fluxos: “existe em Governador Valadares uma estrutura básica que permite qualquer tipo de imigração – legal ou ilegal – e que esta apenas se aproveitou da demanda por um destino mais barato e se “organizou” em oferecer este novo produto” (Machado e Reis, 2007: 154).

Bernardo ficou instigado pela ideia de ir para a França, de ir para um lugar diferente, “porque não vai brasileiro pra lá”. Precavido, comprou passagens para Portugal via França, pois se algo desse errado, ele seguiria para Portugal. O problema é que realmente Bernardo caiu numa rede de tráfico de pessoas. Além de pagar os dois mil reais pelo “serviço” de ir busca-lo no aeroporto e leva-lo até um apartamento, mesmo assim teve que pagar 100 euros para o motorista e ainda foi informado que precisaria fazer uma documentação falsa que o permitisse trabalhar, que lhe custou mais 200 euros, além do aluguel adiantado no valor de 200 euros. Ele foi levado a um apartamento em uma *Cité* parisiense; as *cités* são prédios que formam conjuntos habitacionais normalmente servindo de moradia para as classes desfavorecidas. O apartamento era conhecido como “Carandiru” em função da superlotação.

Bernardo morou no “Carandiru” mais vazio, porque tinha “apenas” dezesseis pessoas. Disse-me que havia outros dois com mais de 20 pessoas. O “esquema” chamou a atenção das autoridades francesas e dois meses depois de sua chegada, Bernardo foi detido pela polícia francesa em uma visita ao local. Acabou sendo liberado porque foi enquadrado como “vítima” da quadrilha que foi acusada de tráfico humano e confecção de documentação falsa. Liberado

depois de um dia inteiro de interrogatórios, Bernardo nunca mais teve documento falso e desde então trabalha informalmente apenas numa área que está se constituindo um nicho de trabalho para brasileiros: a renovação imobiliária através da prestação de serviços de pintura, acabamentos diversos, entre outros.

No caso de Bernardo, o papel da rede de emigração ilegal foi fundamental para a escolha do destino. Disse que não falava nada de francês e que não conhecia previamente nenhum brasileiro naquele país. A única imagem que alegou ter da França era a Torre Eiffel porque “aparecia nos filmes”. Quase cinco anos depois de sua chegada, disse-me que não sofre de falta de trabalho e que hoje a França é mais do que a Torre Eiffel para ele. Bernardo tornou-se um conhecedor da história, dos monumentos parisienses, e disse que já serviu de guia turístico para amigos de conhecidos seus. Em relação ao retorno, disse que “ama a França”, que pensa em voltar ao Brasil um dia, mas só daqui a uns 10 anos (quer regularizar sua situação para poder vir ao Brasil visitar a família, mas quer poder regressar a França). No momento, apesar de mandar dinheiro para ajudar a família, ressalta que sua vida é lá.

Mesmo sem nunca ter migrado antes, Bernardo tinha seu “espaço de vida” (Courgeau, 1988)⁷ ampliado a partir dos vínculos com emigrantes e sua proximidade com as redes migratórias fez da emigração uma opção “imediata” num momento de dificuldade em função de ter perdido seu emprego. O fato de ter parentes nos Estados Unidos e em Portugal é uma evidência da familiaridade com a emigração internacional. Mas a “escolha” pelo destino-França passou pela estrutura de uma rede de “migração irregular”.

⁷ Para Courgeau (1988) o espaço de vida engloba não apenas os lugares de passagem e de permanência, mas igualmente todos os outros lugares com os quais o indivíduo se relaciona ainda que seja de forma não presencial.

O projeto migratório de Leonardo

Leonardo⁸ nasceu em 1966, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Fez a graduação e o mestrado em física no interior de São Paulo. Mudou-se novamente para fazer o doutorado, que realizou em Recife. Ele queria muito sair do Brasil, mesmo sem ligações pretéritas com esse país, aproveitou uma oportunidade que apareceu e foi para a França, em 1999, após concluir seu doutorado, acompanhando sua esposa. Segundo ele, esta decisão de emigrar pode ser entendida de duas formas. A primeira é uma leitura “lógica e simplificada”, em que a oportunidade dela fazer o doutorado no exterior se somava ao momento em que ele terminava o próprio doutorado e buscava um lugar para fazer o pós-doutoramento. Enfim, um contexto favorável a saída do Brasil. Mas ele tem uma leitura mais subjetiva que nos ajuda a entender porque ele foi, voltou e foi novamente e, sobretudo, entender porque ele não pensa em voltar nunca mais: “No fundo de mim, eu sei que no final de contas, foi uma fuga. Eu estava querendo fugir, me mandar do Brasil, ir para outro lugar” (Leonardo, em entrevista realizada em 08/09/2012).

Eles foram e permaneceram 4 anos na França, período no qual Leonardo realizou dois pós-doutoramentos com bolsa de estudos da França. Após este período, eles voltaram ao Brasil por motivos pessoais. Assim, retornaram para Recife. Mas depois de quase dois anos no Brasil, surgiu um convite que levou, em 2005, Leonardo a voltar para a França:

[...] eu recebi uma nova proposta pra voltar pra França, dessa vez, pra trabalhar num laboratório [de um instituto de pesquisa francês no sul de Paris]. Pra montar um laboratório [palavra incompreensível] E uma proposta sedutora de ter um posto permanente no instituto ao final do projeto. [Leonardo em entrevista realizada em 08/09/2012]

⁸ Entrevista realizada em 08/09/2012 no leste da França.

O trabalho era interessante, mas a promessa de um contrato de trabalho por tempo indeterminado não se efetivou. Incomodado com a instabilidade, procurou alternativas e encontrou outro posto como pesquisador:

O salário tava bom, era um contrato em CDI⁹, pra trabalhar num laboratório de pesquisa, numa área interessante, uma equipe boa. Muito bom. Eu fiquei 4 anos nesse laboratório e depois de um tempo recebi uma nova proposta de trabalho, pra que eu voltasse para cá, e dessa vez com um posto no instituto. Aí, com todos os prós e contras. Os prós: bom, eu estou numa instituição de peso, status [...]. É, os contras é que em relação ao salário que eu tinha, eu perdi muito. Eu estou numa cidade pequena, que é muito mais fácil de me deslocar, o custo de vida é muito menor do que em Paris, então, enfim, acabei aceitando [...] e estou aqui desde o começo do ano passado. [Leonardo em entrevista realizada em 08/09/2012]

Como um pesquisador, um trabalhador altamente qualificado, Leonardo viabilizou sua ida e permanência na França sempre a partir de vínculos institucionais e pelo pertencimento a redes profissionais de colaboração, dispensando recursos advindos de redes pessoais e sociais. Os contatos que viabilizaram sua emigração foram sempre profissionais, promovidos e legitimados por mérito. Sua qualificação lhe permitiu realizar o sonho que tinha desde adolescente de sair do Brasil, lugar que sempre o fez se sentir estranho:

Eu falava que eu queria ir embora do Brasil, eu queria ir embora do Brasil, eu estava a fim de ir pra qualquer lugar. Se tivesse uma seleção para uma bolsa no Japão, nos Estados Unidos, pra Alemanha. Eu comecei [palavra incompreensível] na Nova Zelândia. Eu comecei a procurar um monte de lugar. Então, eu estava a fim de ir embora pra um lugar: “Não é possível que o mundo seja só isso, deve ter gente que pensa um pouco diferente também!” O importante era sair. Não esperava necessariamente que eu ia chegar aqui e ia descobrir um eldorado. Eu não esperava que fosse fácil. [Leonardo em entrevista realizada em 08/09/2012]

Mesmo fazendo parte dos migrantes bem-vindos, porque qualificados, Leonardo contou que a burocracia para visto e documentação sempre foi complicada. Durante sua primeira estada de 1999 a 2003 e depois de 2005 a 2011 teve o visto científico, mas ele conseguiu em 2011 a carta de residente válida por 10 anos. Sobre o retorno, Leonardo parece não ter dúvidas de que o retorno não é um projeto.

⁹ Sigla usada para referir-se a um contrato de duração indeterminada.

O projeto migratório de Marcílio

Marcílio¹⁰ nasceu em 1974 em São Paulo, capital. Fez administração de empresas e é poliglota (fala inglês, espanhol, francês e italiano – além do português). A primeira ida para a Europa foi para a Suíça, enviado pela empresa que trabalhava no Brasil. Foi nesta viagem que segundo começou aquele desejo de “quero morar exterior”. Em 2000 foi para o Canadá, e em 2001 foi sua primeira ida para a França, para estudar a língua:

Agora eu vou pra França. E foi pela primeira vez que eu decidi vir pra França estudar. E por quê? Por que eu, como o meu inglês já estava melhor, e por que em algum momento nesse primeiro semestre de 2001, eu conversei com um irmão de um amigo meu que tinha estudado em Chambéry. Francês. [...] como alguém me sugeriu ir pra lá, e eu já falava o Francês, eu vim pra Chambérie estudar em 2001 e passei 6 meses estudando em Chambéry. [...] E eu gostei bastante do que eu vi, não pude, queria até ficar, mas naquela época eu não tinha o passaporte Italiano ainda.[Marcílio em entrevista realizada em 16/10/2012]

Voltou para o Brasil, conseguiu sua cidadania italiana e em 2002 foi para Londres. Um ano depois volta para o Brasil, em função de um vínculo afetivo. Ficou no Brasil até 2004 quando partiu para uma primeira estada mais prolongada na França, na qual viveu dois anos em Lyon:

E eu vim pra Lyon por quê? Por que quando eu estava estudando em Chambéry, a gente tinha feito uma excursão pra Lyon de um dia. E eu adorei a cidade. Então, a cidadezinha ficou lá na minha cabeça. Em 2004, quando eu já estava com o documento, é, eu queria voltar pra França e eu voltei pra Lyon. Abril de 2004. Eu desembarquei aqui com, só com 5 noites de albergue da juventude reservada e eu não conhecia ninguém em Lyon. Pra não falar que eu não conhecia ninguém, eu conhecia uma menina em Lyon... Quer dizer, eu não conhecia, eu conheci uma amiga Brasileira que tinha uma amiga que morava em Lyon. Então eu desembarquei em Lyon, com 5 dias de hotel reservado, e saí em busca de uma “coloque”, de um lugar pra morar com outras pessoas. E três dias depois eu achei, fui morar com dois estudantes franceses. E aí começou a minha primeira vida aqui em Lyon, em 2004. O começo...Eu passei os primeiros 2 meses procurando emprego e depois de 2 meses, passando pelo Quais de Rhône, eu vi um negocinho, um “affiche”, um anúncio falando assim: “eu preciso de gente que fale o Português, Espanhol, Inglês e Francês”. Que eram exatamente as 4 línguas que eu falava. E aí eu fui ver,era uma agência “d’intérim” que estava contratando pra “T”. Então, em Abril de 2004, eu comecei a trabalhar pra “T” aqui em Lyon. [Marcílio em entrevista realizada em 16/10/2012]

¹⁰Entrevista realizada em 16/10/2012 em Lyon, França.

A posse da cidadania europeia, a formação superior em administração de empresas numa universidade reconhecida de São Paulo e o fato de ser poliglota, tornou o “projeto viver em Lyon-França” relativamente “fácil”. Marcílio nem precisou recorrer a seu contato de “amiga da amiga” para arrumar moradia e trabalho.

Depois disso, entre 2006 e 2012 foram idas e vindas, Europa-Brasil, inclusive com duas temporadas na Itália. Contou-me que não gostava mais de viver no Brasil, mas sua companheira na época era juíza no Brasil e não abria mão da profissão. Ela chegou a ir fazer um mestrado na França, quando viveram dois anos juntos em Lyon de 2004 a 2006. Mas depois ela voltou ao Brasil, eles voltaram juntos, no entanto, segundo Marcílio, ele não encontrava trabalho e não se encontrava. O relacionamento acabou e ele estava trabalhando em São Paulo, com um bom salário, mas confessou que se sentia infeliz:

[...] em São Paulo eu consegui um emprego lá, que tinha um amigo meu que tava levando uma empresa de internet pro Brasil e ele me colocou numa posição muito boa lá. E...Mas apesar de eu ganhar muito bem, de novo, como sempre, eu estava bem infeliz no Brasil com o meu trabalho, com tudo. E aí, pela terceira vez eu entrei em contato com a “T” aqui em Lyon e pela terceira vez eles falaram; “pode vir, não tem problema. Você fala 4, 5 línguas, você...”. Eles já conheciam o meu trabalho, né? Então, pra mim a porta também está quase sempre aberta aqui na “T”. Pelo menos até hoje esteve. Então, eu não tive dúvidas, já não tinha mais a minha esposa, não tinha amarras mais no Brasil. Mais nenhuma, a última amarra que era a minha esposa, tinha caído em janeiro. E aí eu falei pra esse meu amigo que me contratou, eu falei assim: “sinto muito, você me deu o melhor emprego, o emprego mais bem pago que eu tive até hoje, mas eu não estou feliz, tchau”. Pedi as contas dois meses depois e vim pra Lyon. Agora faz três meses... É, abril. Vim pra Lyon em Abril e pela terceira vez eu estou trabalhando aqui em Lyon. [Marcílio em entrevista realizada em 16/10/2012]

O contrato é temporário, de um ano e seis meses, mas Marcílio tem expectativa de permanecer, e até mesmo conseguir um contrato por tempo indeterminado. O fato é que ele alega adorara vida em Lyon e que não pensa em voltar no curto e nem no longo prazo.

O projeto migratório de Lígia

Lígia¹¹ é de Olinda, Pernambuco, e tinha 36 anos (nasceu em 1968) quando conheceu um francês chamado Gilles, que é seu atual companheiro. Disse-me que quando conheceu Gilles, ela procurava mesmo um “estrangeiro”:

O fato de escolher um estrangeiro, por quê? Porque eu estava cansada, é... Não sei nos outros estados mas lá em Pernambuco, eu só tive relação com machista, com cara que não me respeitava, com cara que me fazia me sentir inferior, sabe? Psicologicamente, eu sentia que eu era uma merda, que ninguém me queria, aquelas coisas assim. Já fui batida também, né? [Lígia em entrevista realizada em 26/09/2012].

Lígia queria distância dos homens brasileiros, mas ao mesmo tempo sonhava em ter uma família, em ter uma casa, pois a vida toda morara com sua mãe. Ela tem dois filhos, de relações anteriores, que criou sozinha. E não confiava mais nos brasileiros, buscava então o “estrangeiro” que pudesse fazer seu sonho se tornar realidade. Contou-me que apesar de ter esse desejo, não pensava em sair do Brasil, achava que seria o contrário, ele é que ficaria no Brasil, tanto que sequer tinha um passaporte. Mas quando conheceu Gilles, ela achou que valia a pena investir nele, inclusive meses depois de terem ficado juntos no Brasil, foi ela quem se dispôs a ir visitá-lo e para isso fez questão de comprar a passagem com seu próprio dinheiro.

Ela tinha o segundo grau completo, trabalhava numa empresa de telefonia em Recife e decidiu pedir demissão, mesmo sem saber no que daria, pois achava que não tinha perspectiva de subir profissionalmente. A história com Gilles começou quando Lígia foi informada previamente por uma amiga que viria um grupo de franceses para a cidade. Existe um vínculo particular entre o tal grupo de franceses e Recife. Existe uma associação na França há mais de 20 anos que ajuda na manutenção de uma creche numa pequena cidade no interior de Pernambuco. Os associados participam na França da colheita da maçã e na fabricação do

¹¹ Entrevista realizada em 26/09/2012 em Rennes, França.

suco, e os recursos obtidos com a venda do suco é que financiam o projeto. Por isso, há viagens relativamente frequentes de brasileiros e franceses que vão para Pernambuco conhecer a tal creche. Em função de contatos da “tia da amiga”, Lígia foi convidada para participar de uma festa, onde estariam os tais franceses. Lá ela conheceu o Gilles que a princípio não “deu muita bola para ela”, mas ela se interessou por ele e aceitou o convite de um dos franceses para acompanhar o grupo na visita à creche. Depois o encontrou novamente numa festa, para a qual ela se esforçou para ser convidada, pois era o último dia do grupo em Recife. Ficaram juntos, mas no dia seguinte eles partiriam para Natal e de lá voariam de volta para França. Lígia decidiu investir tudo e foi para Natal encontra-lo, arriscando-se pois não tinha dinheiro nem mesmo para hospedagem. Ela contou que foi um final de semana maravilhoso, mas ao mesmo tempo de despedida. Depois que ele voltou para a França, trocaram mensagens e se falaram algumas vezes pelo telefone. Lígia disse que sentia que era diferente de outros relacionamentos que teve com estrangeiros, que com Gilles ela teve vontade de ir atrás, sentia que era uma “coisa do destino”. Cinco meses depois, ela desembarcava na França para “sempre”, pois as coisas deram certo entre eles e ela arrumou trabalho com facilidade:

E chegamos aqui, a coisa, a coisa, o que foi bom, porque desde que eu cheguei tinha uma comunidade brasileira que me acolheu, que me, que me ajudou a, nesse meio tempo eu nunca fiquei sem trabalhar aqui. Desde que eu cheguei, primeira semana, tinha uma faxina pra fazer ali, tinha um bebê pra tomar conta lá, entendeu? [Lígia em entrevista realizada em 26/09/2012]

Eles fizeram uma união civil e ela conseguiu seu primeiro visto de residente quase um ano depois que tinha chegado. Regularizada, conseguiu fazer uma formação profissional para cuidar de crianças (obrigatória na França) e desde então vive disso. Como tem a mãe e os dois filhos no Brasil, manda dinheiro para eles todos os meses. Contou-me que sua maior alegria foi quando conseguiu comprar uma casa para a mãe em Olinda, que ainda pagava o financiamento na França.

Quanto ao retorno, ela acha que não acostuma mais voltar ao Brasil para viver:

Eu sinceramente adoro minha Olinda, adoro o povo, mas é como eu disse, o quadro de vida que eu estou habituada hoje aqui, eu não consigo mais me acostumar lá. Eu quero ir lá, eu vou quando eu tenho férias, mas quando chega 30, 40 dias... Uma vez...A primeira vez que eu fui eu passei 45 dias... Ai, estava doida pra voltar [suspira] isso em 2005...(...) Fazia um ano que eu tinha ficado um ano aqui, né? Mas, assim, a falta, era falta do meu marido, assim, né, e agora quando eu vou eu sinto falta realmente do clima *déjà*, sinto falta das comidas, sabe? [Lígia em entrevista realizada em 26/09/2012]

Em relação ao caso de Lígia, cabe destacar inicialmente a importância de uma “criação migratória”. Lígia nunca tinha saído do Brasil até 2004 quando “ousou” ir para a França atrás do seu “estrangeiro”. Ela não tinha passaporte e nunca tinha feito isso antes. Mas ao mesmo tempo é evidente uma criação migratória se entendermos que seu interesse explícito e consciente por um homem “estrangeiro” envolvia uma tentativa de agir sobre sua realidade, transformando-a. Ela que tinha dois filhos de 10 e 13 anos quando conheceu Gilles, não era uma mulher ingênua. Havia passado maus momentos, inclusive tinha sido vítima de violência doméstica. Tinha 36 anos, estava solteira, morava na casa da mãe e tinha um emprego que não lhe trazia nenhuma perspectiva de crescimento e de mudança. Estas são as motivações particulares de Lígia que não podem ser reduzidas a uma lógica racional de custo versus benefício mesmo reconhecendo que ela queria sim melhores condições materiais de vida. Lígia avaliava sua situação e, parece ter entendido que sua única possibilidade de realizar seus sonhos, dependia de uma mudança, do contato com outro universo cultural e material aqui expresso na figura do homem estrangeiro que serviria de alicerce para ela transformar seu mundo. Os fatores que explicam a emigração de Lígia nos remetem aos entraves para a mobilidade social no Brasil, e que em um contexto de viver em uma cidade turística de referência internacional, permitiu que o contato com o estrangeiro se desse mesmo sem ela se deslocar. O casamento ou a relação afetiva com um estrangeiro tornou-se nesta perspectiva uma alternativa para suas perspectivas de futuro. Lígia pôde então se projetar no futuro, imaginando e construindo uma vida “fora” – se não fora do país, fora daquilo que lhe era

conhecido e familiar. Um projeto migratório explícito se coloca facilmente em prática quando ela conhece um francês, que o “destino” transformou em “o francês” pelo qual ela se apaixonou.

A imigração na França foi possível também porque suas redes pessoais a levaram diretamente para contato com brasileiros que viviam na cidade e Lígia conseguiu trabalhar durante todo o período em que esteve indocumentada. Exercendo atividades que são geralmente desprezadas pelos franceses, ela fazia faxina e cuidava de crianças.

O projeto migratório de Nara

Nara¹² nasceu em 1986, numa pequena cidade no sudoeste de Minas Gerais. Havia terminado o segundo grau, queria fazer faculdade na área da saúde, prestou vestibular e não entrou. Foi quando decidiu que iria sair do país: “Eu tinha uma prima que morou em Londres, ela tinha voltado há pouco tempo, ela vem e fala ‘Acho que é válido você ir, né, aprender a língua’, eu já estava estudando inglês no Brasil e eu falei ‘Não, mas eu quero ir pros Estados Unidos, não quero ir pra Europa’” (Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012). Mas falaram para ela que estava muito difícil conseguir o visto estadunidense, e ela ponderou que seria bom aprender o inglês e que seria mais fácil ir para os Estados Unidos a partir da Inglaterra. Então, com 18 anos, Nara que a vida toda morara em uma cidade de 15 mil habitantes e sem nunca ter saído do Brasil, nem tinha tido contato com a vida de grandes cidades, entrou num avião com uma amiga para ir para a Inglaterra:

Em julho de 2004. Foi...Eu passei por um período, assim, de muitas perdas na família, e momentos muito difíceis na minha vida, e, eu precisava de mudança: “Eu preciso mudar, eu preciso sair, preciso ver outras coisas, me interagir com outras...” [sic], como se fosse também uma maneira minha de fugir daquilo tudo que eu estava vivendo. Então eu decidi vir. E aí eu vim pra cá, mas eu disse “Vou passar na França, né, vou passar por Paris”, todo mundo tem que ir em Paris, então eu também vou passar por lá, vou ficar dois dias lá, me

¹²Entrevista realizada em 06/10/2012 no sul de Paris, França.

aconselharam fazer dessa maneira, pelo fato de que se eu fosse ser cortada em Londres, eles não me mandariam direto pro Brasil, mas eles me mandariam de volta pro primeiro país de entrada na Europa. Seguindo esses conselhos, em julho de 2004, eu decidi vir. Eu embarquei no Brasil no início de agosto, no dia oito de agosto de 2004. Vim pra Paris, fiquei os dois dias aqui em Paris, e como todo mundo, fui pra *Gare du Nord* pra pegar o TGV e ir pra, pra Londres. Aí mesmo em *Gare du Nord* tem a migração, a imigração britânica, né, e ali mesmo eu fui barrada. Eles disseram que eu não podia entrar pelo fato de que eu tinha muito dinheiro. Na época eu estava com 500 libras. Eu falei “Mas eu sou uma turista, com 500 libras em Londres”, eu já estava com hotel pago, eu estava com tudo pago, mas com 500 libras em Londres, visto que eu vim pra passar 15 dias, o período da passagem de volta era 15 dias, eu falei “Não é muito dinheiro”. Mas isso foi o que eles alegaram, que eu tinha muito dinheiro. Então vetaram a minha entrada, não me deixaram entrar, tinha uma amiga que estava indo comigo, “Não, vocês não podem entrar”.[...] Eu liguei na agência, que eu tinha comprado minha passagem, né: “Olha, não deu certo, como que eu vou fazer agora, eu preciso de instrução”. E isso...Eu tinha 18 anos. Nunca tinha saído da minha cidade. [...] Nunca tinha saído sozinha, sem família, sem mãe, sem pai, sem ninguém, e a menina que estava comigo, ela entrou num estado de choque tão grande, que ela não falava, ela não teve reação, então eu tinha que agir por mim e por ela. [Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012]

De acordo com Nara, apesar de sua cidade ser pequena e de não ter tanta emigração como ocorre em outras regiões de Minas Gerais, pela sua narrativa vemos que há uma presença de uma “cultura migratória”, no mínimo uma familiaridade com a experiência dado que o irmão da sua vizinha morava nos Estados Unidos, ela tinha a prima que havia morado em Londres e ela deixou o Brasil sabendo que um amigo de um pastor que ela conhecia (pois era da mesma cidade), estava morava na França. Outro aspecto que reforça a existência de redes migratórias é ser informada sobre a dificuldade de visto para ir para os Estados Unidos e ter sido instruída pela agência de viagens a chegar no espaço europeu por outro país que não a Inglaterra, e depois de “barrada” na imigração britânica em solo francês, a agência a “aconselhou” a ir de ônibus. Elas estavam com o passaporte marcado pela recusa, mas não avaliaram o perigo, na verdade, parece que no momento não sabiam o que estavam fazendo e os riscos envolvidos. Ao final foram detidas, relatou-me que sofreram maus-tratos nas mãos das autoridades migratórias britânicas (em função de suspeita de tráfico de drogas) e foram posteriormente

“devolvidas” para o território francês só que em vez de serem levadas para Paris, foram deixadas em Callais, no norte da França.

Nara e sua amiga tiveram que pegar um taxi, descobrir um hotel e como fariam para voltar para Paris. Nara já tinha avisado a família no Brasil sobre o ocorrido, e seu pai havia conseguido encontrar o tal pastor, cujo amigo - o Beto - morava em Paris. Foi assim que Nara chegou em Paris no dia seguinte com o telefone deste contato. Beto é pedreiro e estava com a família morando em um hotel que estava sendo reformado por ele. Elas foram bem recebidas e depois de compartilhar as mazelas da tentativa frustrada de ir para Londres, decidiram pagar o quarto pelo período de um mês, para ver o que aconteceria:

O problema é que o dinheiro estava acabando, e sem trabalho, como que você fica aqui? Eles nos ajudaram demais, o Miguel [um brasileiro que veio a ser seu futuro marido] ajudou muito, mas não dava pra ficar na sombra deles, né? [...] E aí, então eu comecei a procurar trabalho, consegui um trabalho pra cuidar de duas crianças numa casa de família [...] Comecei a trabalhar ali e fui tomando gosto pelo lugar, e aí decidi ficar aqui.[Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012]

No caso de Nara, o apoio da rede social que ela teve em Paris foi fundamental para ela rever seu projeto e acabar por “tomar gosto” pela França. Miguel é da mesma cidade de Nara, amigo de Beto e foi para a França a convite dele, e havia chegado lá um mês antes de Nara. Eles se envolveram e pouco tempo depois, casaram-se. Miguel conseguiu resolver seu problema de documento via empregador, em função da sua especialidade, o empregador solicitou junto às autoridades migratórias a concessão de um visto de trabalho para ele, obtida em 2007. No entanto, Nara não estava contemplada no trâmite e precisou continuar sua batalha para regularizar sua situação, que ela conseguiu através da retomada dos estudos e pela obtenção de um visto de estudante.

Quando perguntei qual a imagem ela tinha da França antes de ir, ela me responde: “Na verdade, eu não queria ter vindo pra cá. Aqui não era o lugar.” No entanto, o “não lugar” foi se transformando de agosto de 2004 até outubro de 2010 quando me concedeu a entrevista.

Casamento, maternidade, faculdade. Nara vivenciou muitos obstáculos e em diversos momentos precisou confirmar seu “projeto de emigração”, inclusive com um “retorno temporário” - após o casamento, em 2007 retornou ao Brasil com Miguel, onde ficaram quase dois meses. Miguel poderia pedir a carta de residente (um “visto” que tem validade durante 10 anos) no final de 2012 e o casal pretendia pedir a nacionalidade francesa assim que possível.

Não dá para pensar na viabilidade de Nara se manter na França, nas condições e com os recursos pessoais que tinha sem poder dispor de capital social. Este é um caso evidente em que o baixo capital cultural exigiu os benefícios dos recursos das redes sociais para permitir uma instalação exitosa no destino. Sem o contato de Beto e a ajuda que ele lhe ofereceu, Nara teria muito provavelmente voltado ao Brasil – como pensou que faria ao ser barrada pela imigração inglesa. Se o casamento com Miguel, ela provavelmente continuaria trabalhando como babá e talvez preferisse voltar ao Brasil. Nesta trajetória, as condições encontradas no lugar inicialmente pensado como de “passagem” (na sua fala a França “não era o lugar”), culminaram explicitamente na reatualização do projeto migratório, transformando este lugar em sua casa, se não em termos de uma permanência definitiva, durante um período relativamente extenso, pois desde sua chegada, já se passaram 8 anos, e ela não tem planos de retorno.

O projeto migratório (de retorno) Mário

Mário¹³ nasceu em 1964 numa cidade localizada ao sul de Minas Gerais. Foi para o Rio de Janeiro fazer faculdade, e depois de formado foi para Friburgo. Ele é biólogo marinho e queria fazer uma pós-graduação no exterior, sendo esse o “mote” inicial para a emigração.

¹³ Entrevista realizada em 01/09/2012 por Skype, eu estava em Paris, França e ele em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Através do seu depoimento é possível perceber que o fato de ter encontrado pessoas que tinham planos de ir para a França serviu como estímulo para a mudança no destino, isso e claro, o levantamento de informações que lhe apontara a maior dificuldade para conseguir bolsas de estudos nos Estados Unidos. Mário deixou Friburgo e voltou para Minas Gerais para viver com os pais para economizar dinheiro para a realização do “projeto”. Ele tinha duas amigas que estavam se programando para ir para a França estudar francês e elas lhe avisaram seis meses antes. Segundo me disse, o fato delas irem foi importante e ele acabou indo antes do previsto, entendendo que a presença de duas amigas lá lhe serviria como apoio. Na época, ele foi em 1991, a situação econômica estava desfavorável (inflação alta no Brasil, moeda brasileira desvalorizada), mas decidiu “investir”, pediu ajuda aos pais e conseguiu viabilizar a ida. O primeiro destino foi Marselha onde obteve uma licença. De lá foi para Paris, onde fez o “master” e o doutorado. Para o doutorado conseguiu bolsa do governo francês para uma pesquisa realizada na Guiana Francesa. Em função desta pesquisa, viveu 2 anos na Guiana Francesa. O plano inicial era voltar ao Brasil depois do doutorado, mas não aconteceu desta forma. Reproduzirei um trecho longo, mas que vale pela narrativa que ele formulou:

[...] na minha cabeça eu sempre guardei que eu iria voltar pro Brasil. É...Mas tinha a opção de caso, vamos dizer [...] se eu fizesse a minha vida na França, que seja profissional, afetiva, se tudo tivesse bem, eu ficaria, entendeu? Mas com aquele intuito de “eu quero morrer no Brasil”, entre aspas, né? “Eu quero voltar pra minha terra um dia”. [...] Esse retorno foram vários pensamentos e ações e acontecimentos da minha vida que me foram amadurecendo essa ideia. [...] E eu trabalhei durante a minha tese, paralelamente eu fazia tradução. E eu fui convidado pra uma agência pra fazer um projeto, eles me convidaram logo em seguida pra trabalhar, eu não tinha nada ainda disponível na minha área. Eu aceitei esse trabalho e acabei ficando lá 10 anos. Fui subindo de posto e até chegar ao posto de diretor geral de empresa, mas assim, meu pensamento foi que quando eu cheguei nesse posto, tinha uma certa hora que eu não tinha mais *challenge* pra frente, sabe? [...] Então eu resolvi pensar em outras possibilidades: ou mudar de emprego, ou, porque não, voltar ao Brasil. Começou por aí, a ideia. [...] mas também teve outros acontecimentos. Eu tive um acidente em 2009 muito grave onde eu vi que família, entendeu, aqui conta, entendeu? Nessas horas graves, a família é quem está em cima, apesar de ter feito um círculo de amigos grande na França e, a maioria dos meus amigos na França eram Franceses. [...] Também tinha o fato de que o Brasil estava crescendo muito, o emprego aqui estava muito grande, o desemprego na França

muito grande. Isso me fez refletir até mudar, entendeu? [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Em diversos momentos da entrevista, Mário menciona sua “predisposição” a se integrar na cultura francesa, aspecto que segundo ele teria facilitado muito a sua inserção. Ele falava bem francês e tendia a adotar posturas e comportamentos mais adequados à cultura francesa. Desta forma, lhe valeu mais a inserção em redes sociais de franceses do que brasileiros. Mário contou-me que desde 2008 começou a alimentar um projeto de retorno e que em 2011 apareceu uma oportunidade de desligar-se do trabalho, de ser demitido e poder receber seguro desemprego. Inicialmente tinha pensado em voltar para o Brasil depois de ter seus diplomas validados, mas ele adiantou sua saída do trabalho e acabou voltando antes de conseguir o reconhecimento dos seus títulos:

[...] quando eu comecei a germinar essa ideia de voltar pra cá, eu vim sempre ao Brasil. Coisa que, às vezes eu ficava dois anos sem vir a Brasil. Então eu tive aqui em 2008, tive em 2009, em 2010 e em 2011. E eu já fui pesquisando mercado pra saber o que eu ia fazer, quais seriam as possibilidades [...]. Então eu falei: “não, inicialmente eu vou fazer um período de adaptação em Belo Horizonte porque a minha família está perto”. E nesse momento é por contatos que eu vou conseguir eventualmente um trabalho qualquer que ele for. É o tempo que eu necessito também, porque em 2010, eu resolvi validar os meus diplomas no Brasil. Infelizmente é um processo longo, caro. E eles me deram na Universidade de São Paulo o tempo mais ou menos de dois anos pra talvez sair a resposta. [...]. Mas ao mesmo tempo eu saí do meu trabalho, me demiti do meu trabalho no início de 2011. [...] E eu falei: “bom, então por que não voltar pro Brasil” pra justamente fazer essa adaptação e fazer os contatos e, talvez no ano que vem, quando tudo estiver já certo, os diplomas já validados, seja mais fácil entrar no mercado. [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Mário voltou ao Brasil depois de 21 anos de vida no exterior (2 anos na Guiana Francesa e 19 anos de França). Obteve a cidadania francesa há alguns anos atrás. Apesar da decisão de voltar ao Brasil, continua com uma boa imagem da França e disse que apesar do plano atual de se estabelecer no Brasil, não descarta um retorno à França:

Eu acho que eu voltaria, de repente se, vamos dizer, se o contexto econômico estivesse diferente hoje em dia, entendeu? E que tivesse alguma oportunidade interessante. Eu voltaria. Hoje em dia eu não penso mais em voltar, entendeu. Hoje em dia eu quero me estabelecer aqui. Mas se, sei lá, daqui um ano, dois

anos, cinco anos, dez anos, eu tiver uma oportunidade de algum negócio ou de algum emprego que me interesse, eu não tenho problema nenhum. Largo tudo. Nesse ponto eu tenho a vantagem de não ser casado, de não ter filhos, entendeu? Então eu posso, como eu fiz lá, eu vendi tudo o que eu tinha, tudo, fiz um bazar na minha casa, vendi tudo. O que eu pude trazer eu trouxe e falei “tchau todo mundo!”, entendeu. Posso fazer a mesma coisa aqui, entendeu? Vendo tudo e vou embora. [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Mário deixou o Brasil aos 27 anos, pensando que voltaria após o doutorado no exterior, mas predisposto a “ficar” caso fizesse sua vida profissional ou afetivamente na França. Esta mesma “abertura” para um “porvir migratório” se manifesta em seu retorno ao Brasil aos 48 anos, que mesmo planejado e entremeado de obstáculos (dado o desemprego e o não reconhecimento dos títulos acadêmicos obtidos no exterior) está sendo levado a cabo pelo desejo de estar mais próximo da família e ao mesmo tempo aproveitar o contexto econômico brasileiro mais favorável. Ao que tudo indica Mário parece dispor de capital cultural e financeiro suficiente para lhe permitir investir tempo e dinheiro que o retorno ao Brasil estava lhe exigindo.

Considerações Finais

Usando os referenciais discutidos, o projeto migratório foi tomado como um *locus* privilegiado de análise na medida e que a concepção e atualização dos projetos, que foram apreendidos a partir de entrevistas com os migrantes, deixou entrever como as estruturas “macro” – que orientam e coagem as práticas dos agentes – conectam-se com os interesses e as estratégias dos migrantes, de acordo com as disposições que lhes são inerentes.

Não é pertinente supor que as pessoas se deslocam apenas em função da expectativa de obter um salário maior, ao contrário, não é raro que a vida na França esteja associada a um rebaixamento de estatuto social ou a uma piora nas condições de vida, em função da perda de “privilégios” que tinham no Brasil tais como carro próprio, moradia mais confortável, entre outros. Como me disse uma imigrante brasileira na França, no momento em que nos

despedíamos após a entrevista, “é melhor ser pobre em Paris, do que classe média em São Paulo”. Também não é possível ignorar as “pontes” econômicas e sociais que se estruturam para ligar os espaços que compõem o fluxo. No caso da imigração brasileira na França, isso significa reconhecer até mesmo um “lugar” para a Inglaterra na análise, dado que em várias trajetórias migratórias observadas, a França foi uma opção viável em função da deportação ou do fracasso na tentativa de entrar em território inglês.

Neste sentido, a análise centrada no projeto migratório permitiu o acesso aos mecanismos que conectam os brasileiros a França e que viabilizam o deslocamento. Como sugere Bourdieu, a quantidade de capital (econômico, cultural e social) pertencente a um indivíduo, não pode ser dissociada da sua localização no espaço social: seu posicionamento é essencial para indicar o acesso que ele tem a certas vantagens e oportunidades. Por isso, o capital disponível aos potenciais migrantes, em suas diversas facetas, impacta seu nível de autonomia para a decisão de permanecer e partir, bem como das motivações que justificam o deslocamento. A gênese e a execução de projeto migratório dependem do capital humano, cultural e financeiro que ele pode dispor e do capital social correspondente que viabiliza o projeto “emigrar do Brasil” e “migrar para a França”.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. (2013) *Au revoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980*. Campinas: IFCH/Unicamp.

Almeida, Gisele Maria Ribeiro de; Baeninger, Rosana. (2013) “Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais”. In: Baeninger, Rosana (org) *Migração internacional*. Campinas: Nepo/Unicamp.

Bakewell, Oliver. (2010) “Some reflections on structure and agency in migration theory”. *Journal Of Ethnic & Migration Studies*. Volume 36, Issue 10.

Bourdieu, Pierre. (2004) *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.

- Boyd, Monica (1989). "Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas". *International Migration Review*, Vol. 23, No. 3, Special Silver Anniversary Issue: International Migration An Assessment For The 90's, Autumn.
- Bouly De Lesdain, Sophie. (1999) "Projet migratoire des étudiantes camerounaises et attitude face à l'emploi". *Revue Européenne De Migrations Internationales*. Vol. 15, n°2.
- Boyer, Florence. (2005) "Le projet migratoire des migrants touaregs de la zone de bankilaré: la pauvreté désavouée". *Stichproben*, N° 8, Special Issue On African Migrations. Historical Perspectives And Contemporary Dynamics.
- Castles, Stephen e Miller, Mark (2004). *La era de la migracion: México: Cámara De Diputados Lix Legislatura, Uaz, Secretaría De Gobernación, Instituto Nacional De Migración, Fundación Colosio, Miguel Ángel Porrua*.
- Castles, Stephen. (2010) "Understanding global migration - a social transformation approach". *Journal Of Ethnic & Migration Studies*. Volume 36, Issue 10.
- Courgeau, Daniel. (1998) "Concepts de base". In: **Methodes de mesure de la mobilité spatiale**: Paris: Editions De L'institut National D'études Demographiques, 1988.
- Faist, Thomas. (2010) "The Crucial Mesolevel". In: Martiniello, Marco; Rath, Jan (dir). *Selected Studies In International Migration And Immigrant Incorporation*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- King, Russell. (2012) "Theories and typologies of migration: an overview and a primer". *Willy Brandt Series Of Working Papers*, n° 3.
- Machado, Igor; Reis, Ellen Saraiva. (2007) "Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal". *Teoria & Pesquisa*, Vol. 16.
- Ma Mung, Emmanuel. (2009) "Le point de vue de l'autonomie dans l'étude des migrations internationales: 'penser de l'intérieur' les phénomènes de mobilité". In: Dureau, Françoise; Hily, Marie-Antoinette (dir). *Les mondes de la mobilité*. Rennes: Presses Universitaires De Rennes.
- Massey, Douglas S. et al (1998) "New migrations, new theories" In: *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium*. New York: Oxford University Press.
- Portes, Alejandro. (1999) *Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*. Oeiras: Celta.
- Simon, Gildas. (2008) *La planète migratoire dans la mondialisation*. Paris: Armand Colin.
- Truzzi, Oswaldo. (2008) "Redes em processos migratórios". *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, Vol.20, n.1..